

O MINISTRO CARLOS MADEIRA ASCENDE AO STF

O EXMO. SR. MINISTRO FLAQUER SCARTEZZINI:

Exmo. Sr. Ministro Lauro Leitão, digníssimo Presidente do Tribunal Federal de Recursos; Exmo. Sr. Ministro Aldir Guimarães Passarinho, do Supremo Tribunal Federal; Exmo. Sr. Vice-Presidente do Superior Tribunal Militar, Ministro Antônio Carlos de Seixas Teles; Exmos. Srs. Ministros do Superior Tribunal Militar aqui presentes; Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal; Exmos. Srs. Ministros do Tribunal Superior Eleitoral; Srs. Ministros aposentados desta Corte; Exmos. Srs. Subprocuradores-Gerais da República; Srs. Desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão; Srs. Juizes Federais; Srs. Representantes da Ordem dos Advogados e do Instituto dos Advogados do Brasil nesta oportunidade.

Sinto-me bastante honrado, Sr. Presidente, com a designação de V. Exa. para que em nome do egrégio Tribunal Federal de Recursos, saúde o eminente Ministro Carlos Madeira elevado a Ministro da Suprema Corte.

Caro Ministro Madeira, aqui viemos para lhe dizer do que vai pelas nossas almas, desde que nos chegou a notícia de que o governo deliberara investi-lo na mais elevada posição da Magistratura Nacional.

Falar do Carlos Madeira, embora a primeira vista nos pareça fácil, torna-se tarefa ingente pelo tanto que deu de si em todas as atividades que vem desenvolvendo ao longo de sua existência, pela impossibilidade de se sintetizar tão portentosa contribuição sem o perigo de não demonstrar a grandeza de sua participação ativa em todos os campos, a eloquência de sua obra, sua própria razão de ser, com a vida totalmente voltada ao bem estar de seus semelhantes, na busca permanente e constante da verdade.

Percebam, senhores, a preocupação que de mim se apossa diante de tão enorme responsabilidade.

É pena que me faltem engenho e arte para melhor transmitir, no âmbito limitado do tempo que me foi reservado para a homenagem, tudo o que seria necessário, não somente para desvencilhar-me de um dever, como também, e, sobretudo para cumprir a satisfação de proclamar a vida exemplar de nosso homenageado.

* Em Sessão Especial de 18/09/1985.

Ministro Madeira, no exame de sua vida, quanto mais se aprofunda, mais se fica impressionado com a sua maneira de ser e com atitudes tomadas, sempre escoreitas.

Durante a rápida investigação que fiz, veio-me a memória uma frase lapidar do jurista Odilon Costa Manso, que perfeitamente se pode dedicar ao nosso homenageado:

Quanto mais avançamos na intimidade de sua vida, tanto mais descobrimos novos e por vezes surpreendentes veios, - flôes de predicados morais e intelectuais, que se disfarçam sob camadas de modéstia, que se incrustam na estratificação de virtudes, que se ocultam no seio profundo e tranqüilo da humildade verdadeiramente Cristã.

Nasceu Carlos Madeira na heróica e bela cidade de São Luís, na antiga rua da Praia de Stº Antonio, terra de rara beleza, de homens bravos, atrevidamente corajosos, que amantes da liberdade, não se deixaram intimidar pelos invasores holandeses, mesmo despreparados foram a luta e travando renhidos combates, em longas batalhas, conseguiram, como primeiros, expulsá-los do nosso solo, firmando a própria nacionalidade.

Filho de José Francisco Madeira, homem de alma nobre, pianista e professor de música, que transmitiu aos filhos o gosto pelas artes e de D. Juliana da Conceição Madeira, mulher de profissão simples - costureira, mas de grande inteligência e possuidora de férrea força de vontade.

Embora formassem uma família bem constituída, lutavam com muitas dificuldades.

O nosso homenageado desde logo conheceu as agruras de uma vida pobre e sacrificada, o que não o impediu, porém, de freqüentar suas aulas e participar das atividades próprias de sua idade.

Cedo passou a se interessar pelos estudos, com os exemplos e orientação de seus pais e auxílio de sua querida professora D. Cleonice Lopes, tornou-se aluno exemplar.

Aos doze anos Madeira perde seu pai, que embora tenha morrido muito jovem, deixou para nosso homenageado e seus três irmãos o exemplo de uma vida digna e o gosto pelas artes.

A partir de então D. Juliana, Nhá Ju, passou a chefiar o pequeno clã.

Mulher de vontade, de fibra, de força, de independência e de tirocinio trabalhou com afinco sem medir esforços.

Não raramente atravessava a madrugada costurando para que nada faltasse em casa a seus filhos, porém, embora dedicasse a quase totalidade das horas do dia ao seu trabalho, nunca deixou de dispor de tempo para bem orientá-los e guiá-los na vida e nos estudos.

Madeira, impulsionado por esta mulher valiosa, dócil e brava, que pela constância de sua dedicação representava um misto de anjo e mulher, continuou sua trajetória.

Duas eram na época suas paixões: o estudo e o futebol.

Nos estudos prosseguiu sempre brilhando e no futebol salientou-se como o grande centro-avante nas partidas disputadas no Campo do Ourique e na Quinta do Barão.

A necessidade bem cedo o levou ao trabalho. Sobressaindo-se em todos os serviços prestados, quer como estafeta na Estrada de Ferro São Luís - Teresina, quer como telegrafista, na mesma empresa e posteriormente na Panair do Brasil, sempre recebeu de seus superiores os mais efusivos elogios pela assiduidade e dedicação.

Durante o período da guerra, em 1943, prestou serviços para a Panair em Natal, de volta a São Luís concluiu com louvor o curso de Técnico em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio Centro Caixerá.

Ainda que pretendesse estudar Direito, achava-se velho para tanto, contudo, seu amigo-irmão José Sarney, antevendo o futuro jurista e pretendendo tê-lo como colega na Faculdade não permitiu que desanimasse, providenciou os documentos necessários e efetuou a inscrição do companheiro no vestibular.

Aprovado, cursou a Faculdade, ainda que não se tenha feito notar no cenário trepidante da política acadêmica, ou nas noitadas de boêmia, porque de tais situações o afastava, a necessidade do trabalho e o exercício de suas atividades profissionais, distinguiu-se entre os melhores estudantes, sempre se destacando com os resultados obtidos nas provas realizadas, recebendo as melhores notas.

Estudando e trabalhando para prover o seu sustento e contribuir com o de sua família, ainda lhe sobrava tempo para incursionar pela literatura.

Como poeta e ensaísta, também se revelou a ponto de alcançar a imortalidade ao ser guindado à Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a Cadeira nº 34.

Célebres tornaram-se as reuniões literárias realizadas nos fundos da loja de móveis de Pedro Paiva Filho.

Ali se reuniam Sarney, Evandro, Ferreira Goulart, Lago Burnett, Odylo Costa Filho, José Bento Nogueira Neves, Madeira, entre outros constituíam o denominado Grupo Moveleira.

Em suas poesias cantou a terra amada e explorando temas sociais, demonstrou preocupação permanente com os problemas de sua gente e de sua região.

Permitam-me, que destaque apenas uma, que por si só seria suficiente para consagrá-lo, como o bom poeta que é:

A FOME

"A fome é a fada que nos vem visitar,
nas horas negras dos nossos dias.
Ela vem,
como uma amiga,
como se fosse uma irmã mais velha,
para nos acompanhar pelos caminhos tristes,
pelos caminhos longos de nossas vidas sem valor.
Ela vem,
toda vestida de negro,
com as suas magras mãos, geladas
acariciar as nossas faces pálidas
e encher de silêncio os nossos lares.
À noite
nas horas paradas,
ela entra pelas nossas casas,
pelas nossas cidades,
pelos nossos campos,
(nós somos tantos, nós somos uma humanidade),
só ficamos com a sensação esquisita de frio
que as suas mãos deixam nos nossos corpos desagasalhados,
as suas frias mãos, mais frias que a noite...
Nós já nos acostumamos
com a sua presença silenciosa,
que nem notamos
o olhar triste, as faces cavadas
dos nossos irmãos,
dos nossos filhos que comem terra,
das nossas mães cobertas de andrajos.
Talvez ninguém compreenda,
mas nós bem que sentimos
que todo o nosso destino
está nessa tristeza calada
que a fome nos dá, nos nossos dias iguais;
nós já nascemos com a sua carícia,
e temos quase a certeza
que um dia partiremos,
silenciosos, frios, tristonhos,
sentimos as suas mãos geladas, num último anelo,
para a paz invernal de um mundo de outras fadas..."

Prosseguiu na trilha literária compondo novas poesias e produzindo alentados ensaios.

Na poesia inspiravam-lhe o flabelar das palmeiras, o gorjeio dos pássaros, o marulhar das ondas banhando as areias brancas de sua praia de Olho D'água, este espetáculo tão pródigo da natureza em sua amada São Luís, já não lhe era suficiente, o poeta necessitava de algo mais, precisava de nova fonte inspiradora, mais perene, que emprestasse a sua obra mais vida, mais sentido.

E isto aconteceu, como que por acaso, como acontecem quase todas coisas boas em nossas existências.

Certo dia, recém-vinda, pois transferira-se com a família da cidade de Icatu, para a de Ribamar, passou a cursar a Escola Normal em São Luís a jovem Djanira conheceu o nosso homenageado, o poeta, e dele se tornou a musa inspiradora.

O amor à primeira vista solidificou-se com o namoro, persistiu no noivado e se converteu no casamento, tornando modelar casal que temos a ventura de conhecer - a musa eternizou-se.

Em 1955 colava grau na Faculdade de Direito.

A festa de formatura, comovente e cheia de ternura, com a presença de sua Djanira, de seus irmãos, parentes e amigos, estava completa, tudo era alegria principalmente porque ali estava aquela que tanto contribuíra, e porque não dizer, a principal artífice daquele acontecimento, da consagração do menino pobre, do filho do professor de música, o poeta; ali se encontrava a simples, bondosa e lutadora Nhá Ju, saboreando com todos os méritos a vitória de seu filho, que na realidade era mais sua, que dele, como verdadeira retribuição a todo seu ardor, a todo seu sofrimento, a todo seu esforço.

Formado, Madeira, deixou seu querido Maranhão para advogar no Rio de Janeiro.

Como advogado cumpriu à risca os mandamentos de sua profissão.

Exerceu com arte o manejo das leis.

Lutou, intransigentemente pela liberdade, encontrando-se sempre onde fosse arranhada a norma legal, apresentando-se ou com a força de um mandado de segurança ou com o atrevimento de um *habeas corpus*.

Concretizava-se o sonho. Revelava-se o jurista; porém, aquela fase de intensa satisfação teve curta duração, confirmando que a felicidade nunca é completa; nunca possui a dimensão que pretendemos - sua amada Nhá Ju retirava-se do cenário de sua vida para a vida eterna, mas lhe transferia toda sua força de vontade e sua dignidade.

Convocado pelo amigo-irmão, então Governador Sarney para encarregar-se da reforma legislativa do Estado, inclusive a constitucional, ocasião em que se

dedicou ao magistério, onde permaneceu, constantemente atualizado e, permanentemente interessado no aprimoramento do ensino superior.

Ponderado, culto e trabalhador, tornou-se, enfim, magistrado, sua verdadeira vocação.

Como Juiz Federal conquistou logo a admiração de seus pares e o respeito de seus jurisdicionados, razões que permitiram seu ingresso nesta Corte, onde além de sempre se salientar como um dos mais brilhantes membros, constituiu-se no companheiro sincero e amigo leal, de todos que aqui militaram e militam, desde sua chegada.

Por esta razão, amigo Madeira, sua investidura amanhã na Suprema Corte provoca-nos forte emoção de duplo aspecto.

O primeiro representado pela alegria em virtude da alta dignidade de que se reveste sua ascensão à Suprema Corte de Justiça do País.

E, num segundo aspecto envolve-nos o adeus da despedida impregnado da tristeza amarga, dolorida que oprime o coração ao trazer consigo a saudade de uma convivência cordial, instrutiva e constante.

Esta, a motivação do consternamento de seus Colegas nesta Casa a sentir sua separação. E, assim é, porque a todos se impôs por sua maneira de ser, por sua fidalguia.

Por todos, sempre, pelo brilho de sua inteligência e pela extensão de sua cultura, foi admirado.

Deixa esta Casa, onde com tanta eficiência serviu, para ocupar nobre e elevada curul no Pretório Excelso.

O Supremo Tribunal Federal é, indiscutivelmente, um Colégio Judiciário que honra, não apenas do nosso País, mas que extravasando nossas fronteiras, desponta e dignifica no cenário jurídico internacional da própria América Latina.

A formação moral e intelectual de seus membros reiteradamente demonstrada em seus quase 160 anos de existência, são atestados pela crítica que lhes faz, não apenas a cultura jurídica nacional e internacional, mas, sobretudo, a própria sociedade brasileira.

Imprudente seria arrolar os nomes honrados e gloriosos de tantos quantos o compuseram nos mais variados períodos, sob pena de cometer a injustiça do esquecimento, olvidando alguns dos que tanto contribuíram para a verdadeira distribuição da Justiça em nossa pátria.

É, sem dúvida, o Supremo Tribunal Federal o intérprete máximo das leis, Guardião-Mor da Constituição e protetor incansável das liberdades, razão porque lhe compete a enorme responsabilidade de por derradeiro, legitimar os direitos dos que postulam, legitimando, destarte, as próprias normas jurídicas.

Em tal sodalício, *ipso facto*, só se pode pretender o ingresso de quem possua as qualidades indispensáveis e imprescindíveis de um verdadeiro juiz.

Daquele que, como magistrado não se deixe emaranhar em fórmulas abstratas, nem se deixe levar por valores dissociados à essência da vida jurídica.

Daquele que cumpre a lei, aplica-a, mesmo quando contraria aos seus sentimentos, por ter em mira o intuito de tranquilizar, com a segurança de suas decisões, os que estejam sob sua esfera jurisdicional.

Daquele que, além de possuidor de extensa formação cultural, com conhecimento profundo das ciências jurídicas, do direito vigente e da jurisprudência atual, tenha aprofundados conhecimentos práticos da vida, num permanente entrosamento com o universo social, a fim de que, ao apreciar as questões e problemas que afligem seus semelhantes, saiba aquilatar e sopesar os valores éticos econômicos, no convívio com essa realidade social.

Daquele, que como profissional, conheça o Direito como Ciência Deontológica, pesquisada em sua aplicação e a conheça, também, em sua evolução, na Sociologia por sua condição de Ciência Ontológica e Informativa.

Enfim, daquele, que seja independente, com aquela independência que *a priori* o liberta de suas próprias paixões, de suas próprias obsessões e de seus próprios ímpetos, através da qual surge a imparcialidade condição *sine qua non* para que se efetue a distribuição da verdadeira Justiça.

Eis, em síntese as qualidades necessárias para alguém que pretende compor o Plenário Augusto, são em suma as próprias de um juiz, do homem que pretenda na sua vida cumprir uma das mais lindas, mas a mais difícil missão que lhe é atribuída - julgar o seu próximo, que no dizer de Bentam, representa o instante em que o homem mais se aproxima de Deus.

Ao descrever estas características indispensáveis a um juiz perfeito, sem pretender estava traçando o perfil de nosso amigo Madeira.

Efetivamente, sua maneira de ser, estudioso, sereno, compreensivo, rigoroso e independente ao apreciar as questões que lhe são submetidas, enfeixa as qualidades imprescindíveis de um verdadeiro magistrado, as quais permitem antever que da mesma forma que nossos Colegas e amigos oriundos também desta Casa e da Justiça Federal, Ministros José Néri da Silveira e Aldir Passarinho, haverá de cumprir, perfeitamente, a missão que lhe está sendo outorgada.

Esse é, senhores, o magistrado que vai ocupar uma das cátedras no mais elevado plenário do judiciário brasileiro, sucedendo ao Ministro Décio Miranda, esse outro baluarte, padrão de intrepidez, honorabilidade, cultura e integridade, que tanto honrou este Tribunal de onde se originou, para orgulho de nós outros.

Não haverá, desta forma solução de continuidade, um grande juiz, sucedendo a outro do mesmo porte e talento, para tranqüilidade do Brasil e dos brasileiros.

Vá Madeira, imbuído da compreensão, da dignidade que lhe transmitiu José Francisco.

Vá Madeira, com a força de vontade, com espírito de luta, com a bravura, que lhe outorgou sua querida, amável e inesquecível Nhá Ju.

Segue Maderia, na companhia daquela que mais que musa inspiradora, ao seu lado, permanentemente, como incomparável companheira, o tem amparado nos momentos mais difíceis - Djanira.

Parta Madeira, desta Casa que é e será sempre sua, de onde nós, seus amigos, estaremos torcendo por seu sucesso e, mais que isto, estaremos pedindo:

Que Deus o ajude.

Que Deus o guie.